

# Só investimentos maciços vão tirar hospitais da UTI

ARTHUR HERDY

A Saúde em Brasília saiu da UTI. Está, agora, em convalescência. A avaliação é do secretário de Saúde, Jofran Frejat, há pouco tempo no cargo, mas otimista com o que considera recuperação recorde da rede hospitalar da "Capital do Terceiro Milênio". Segundo ele, há dois meses denunciava-se a falta de esparadrapo e algodão. "Hoje, discute-se sobre transplantes renais, de fígado e até do coração", disse.

Para reverter a imagem negativa do atendimento médico na cidade, bem como o estigma do Hospital de Base após a morte de Tancredo Neves e a referência nada elogiosa de que os melhores médicos da cidade são os "doutores" Vasp, Varig e Transbrasil, Frejat tem vários projetos. Um deles é transformar o HBB em ponto de referência nacional. Outro, construir quatro hospitais em quatro anos — mais 600 leitos — e 39 Centros de Saúde, 19 na área rural e 20 na urbana. Isso, para que Brasília chegue curada ao ano 2.000 e com um sistema de Saúde do Primeiro Mundo.

Mas, apesar da empolgação do atual secretário, a situação dos hospitais e Centros de Saúde não é das melhores. Durante os últimos anos, foram poucos os investimentos para a área e ocorreu um sucateamento dos aparelhos — grande parte, como os de Raios X quebraram — e deterioração das instalações físicas. Apenas o HBB passou por uma reforma que, entretanto, ficou longe do ideal.

Os hospitais das cidades-satélites, como os Regionais de Taguatinga, Ceilândia e Gama, necessitam de urgentes socorros. Faltam leitos, pessoal especializado — médicos e enfermeiros — e é comum se encontrar pacientes nos corredores, em macas e, às vezes, deitados nos bancos.

O Jornal de Brasília esteve em vários hospitais. Na Ceilândia, constatou que, entre todos os hospitais, naquele o quadro é grave. Segundo afirmam os médicos, aquela cidade-satélite inchou com a incorporação de novos setores habitacionais — Samambaia e outros assentamentos na área — e a capacidade de atendimento continua engessada. "Assim, só resta fazer o que está dentro das nossas possibilidades materiais e humanas", afirma o médico Carlos Silva Duarte.

O secretário de Saúde que é *doublé* de médico e deputado federal, admite que ainda existem vários desafios a enfrentar e muitas dificuldades. "Mas vamos superá-los em um curto espaço de tempo", afirma Frejat que, no início da década de 80, foi o chefe da pasta da Saúde, tendo sido o responsável pela construção dos 40 primeiros Centros de Saúde da Capital da República.

## Passos

Toda a rede hospitalar do Distrito Federal tem 3.000 leitos. Mas, ao assumir a secretaria, há cerca de dois meses, Frejat encontrou 700 desativados. Diante de tantos problemas, o secretário resolveu priorizar as áreas embutidas no processo de saneamento da rede. "O primeiro pas-

so foi reabastecer as nossas unidades de materiais básicos, como esparadrapos, algodão, luvas cirúrgicas, medicamentos e lençóis", disse.

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do HBB recebeu um reforço de mais 13 leitos e, até o final do mês, serão reativados 50 leitos no Hospital Regional de Ceilândia. O passo seguinte, segundo Frejat, é recuperar a aparelhagem quebrada, não só nos hospitais, como dos Centros de Saúde.

Ainda, comprar outros necessários para transformar o HBB em modelo para todo o País. Segundo Frejat, até agosto novos aparelhos serão incorporados, entre eles, um tomógrafo computadorizado (para exames radiológicos), ressonância magnética (para diagnósticos), acelerador linear, bomba de cobalto, ultrassonografia, ecocardiograma e laser, para ser utilizado na otorrinolaringologia e, litotripsia, que destrói cálculos renais sem necessidade de operação.

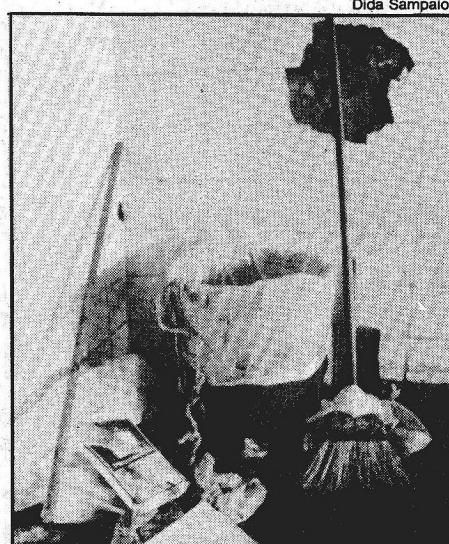
## Transplantes

Embora ainda exista um certo preconceito contra o HBB, lá, desenvolve-se o que se poderia chamar de medicina de ponta. Pelo menos é o que afirma o seu diretor, médico Mauro Guimarães. Segundo ele, a grande imprensa só aparece na hora de veicular "notícias ruins" e que prejudicam a imagem daquele que, em sua opinião, pode ser um dos melhores hospitais do País.

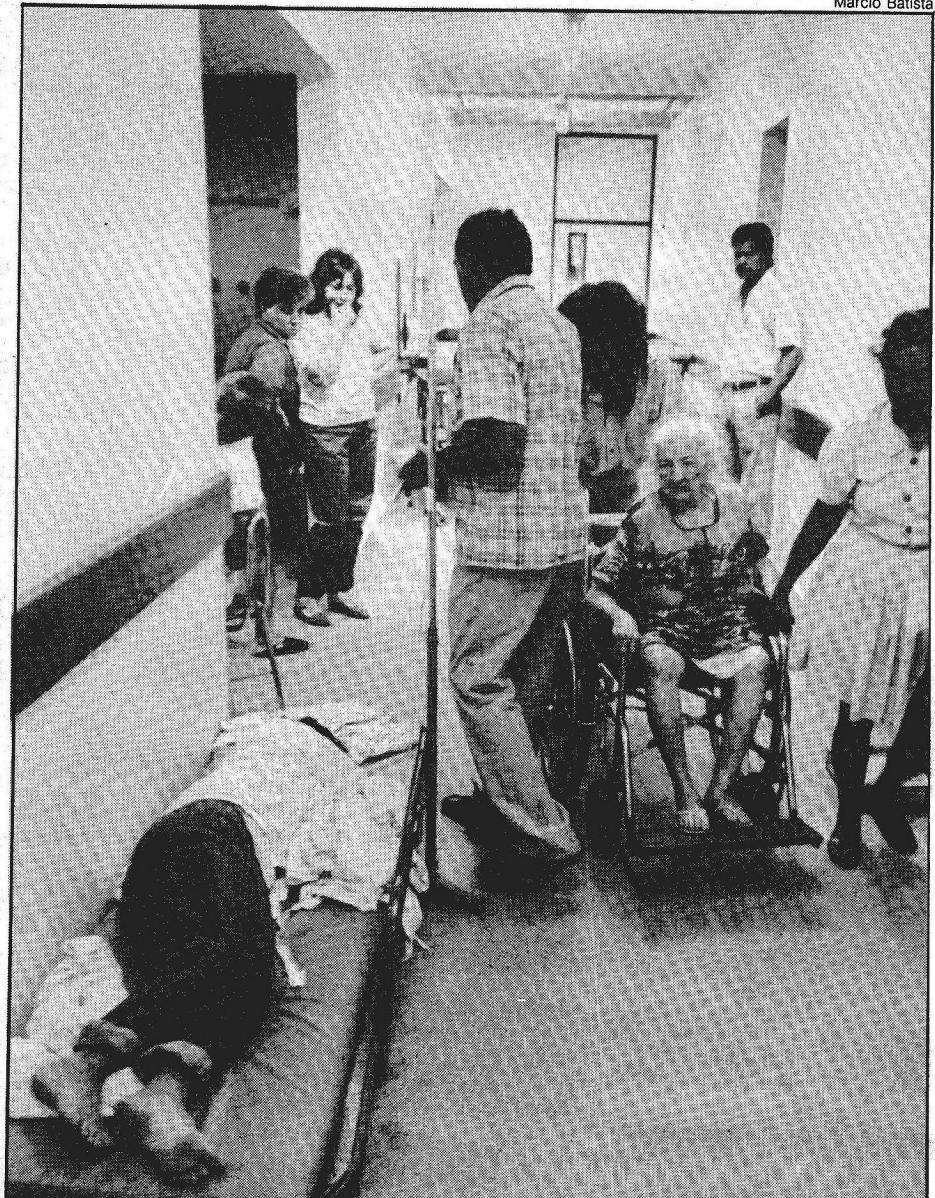
Para justificar suas afirmações, ele conta que, em apenas um mês, sua equipe médica fez cinco transplantes de rins "com absoluto sucesso". E até o fim do ano, esse leque de atendimento médico será aberto, cobrindo o transplante de outros órgãos, como fígado e até coração. Atualmente faz-se, ainda, o transplante de córneas.

Segundo Mauro Guimarães, o HBB tem 17 salas de cirurgia e faz, em média, 40 operações por dia. Para melhorar ainda mais o atendimento, o Ministério da Saúde vai injetar Cr\$ 1 bilhão para a remodelação da estrutura e compra de materiais.

Dida Sampaio



Lixo: descuido aumenta infecção



Filas e falta de estrutura continuam afligindo a população

## “Rede pública é ineficiente”

Privatizar toda a rede de atendimento médico-hospitalar. Essa é a proposta do médico José do Patrocínio Leal, diretor-geral do Hospital Santa Lúcia, o mais antigo e maior estabelecimento hospitalar particular da cidade. Ele afirma que o atendimento médico nas mãos do governo é um câncer, centralizado, ineficiente e faz uma verdadeira sangria nos cofres públicos, com gastos exagerados e desnecessários.

José do Patrocínio explica que um paciente internado em um hospital da rede pública custa ao Inamps seis vezes mais do que aquele que procurou um hospital particular. Defensor do seguro-saúde, o médico e empresário defende o fim do Inamps que, para ele, é um órgão ditatorial. "O segurado paga compulsoriamente durante anos (uma parte do seu salário) e, quando precisa, tem que entrar em filas. Às vezes, espera meses para ser atendido. Muitos, acabam morrendo sem receber o tratamento a que têm direito", disse.

Para fundamentar seu ponto de vista de que existe um sistema cartorial no atendimento de Saúde, José Leal lembra que, "nessas veias, corre muito dinheiro, grande parte desviado para o bolso de muita gente". Ele não confia na qualidade do sistema de atendimento oficial, "onde todos estão viciados e a produtividade é nula".

Como exemplo, além do Brasil, cita o fracasso da medicina nos países do chamado "Leste Europeu", que não têm tra-

dição, trabalhos publicados ou ações que realmente mereçam destaque". Cita, então, que a melhor e mais desenvolvida medicina do mundo e no Brasil é a particular.

No Brasil, cita São Paulo como exemplo. Segundo ele, os melhores e mais famosos hospitais são privados naquela cidade, como o Instituto do Coração (Incor), Alberto Einstein, Beneficiência Portuguesa, Oswaldo Cruz e outros. "O exemplo negativo vem do Hospital da Clínicas, do governo, que é uma bagunça", disse. No exterior, lembra os Hospitais de Houston, Cleveland (para onde foi o ex-presidente João Figueiredo) "e muitos outros".

Falando sobre a rede particular de Brasília, José Leal afiança que ela é "excelente", não tendo nada a perder para as de outros estados. Ele garante que o brasiliense não precisa de usar o "doutor ponte aérea" para se tratar, pois, "aqui mesmo, temos todas as especializações necessárias".

Ele cita como hospitais de referência, além do Santa Lúcia, o Santa Helena, São Braz, Anchieta, Ortopédico e a Clínica Daher que faz, inclusive, cirurgias plásticas. José Leal conclui defendendo a regionalização dos hospitais da rede pública — o de Taguatinga seria administrado pela prefeitura daquela cidade-satélite — e o esvaziamento da assistência médica pelo governo. "Só assim os hospitais privados vão crescer", conclui. (A.H.)